



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 2, volume 2, artigo nº 19, Julho/Dezembro 2016
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v2n2a19>

AMBIENTE ESCOLAR E GAGUERIA: UMA INVESTIGAÇÃO QUANTO AO CONHECIMENTO DOS PROFESSORES ACERCA DO ALUNO PORTADOR DE GAGUEIRA CRÔNICA

João Pedro Costa Poey¹
Fonoaudiólogo

Carolina de Freitas do Carmo²
Fonoaudióloga, Msc. Ciências da Saúde/Saúde da Criança e do Adolescente – UFMG

Resumo

A exposição do aluno gago a situações constrangedoras, mesmo que sem a intenção, ou por falta de conhecimento, pode gerar uma série de frustrações, sentimento de vergonha e rejeição, o que pode influenciar no processo de aprendizagem. O presente artigo tem como objetivo verificar se os professores da rede municipal de ensino têm consciência da importância de terem cuidados específicos com os alunos gogos em ambiente escolar. Destacando assim a necessidade da atuação de um fonoaudiólogo na equipe escolar, com um olhar específico sobre o aluno gago. O estudo tem como base a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com dados coletados através de um questionário, onde os professores da rede municipal de ensino de Itaperuna-RJ, de ambos os sexos e idades distintas, responderam uma série de perguntas estruturadas sobre a visão do professor frente aos alunos gogos. O conteúdo levantado através da pesquisa constata que os professores não têm conhecimento sobre a importância do fonoaudiólogo junto a equipe escolar. E não reconhecem a importância de alterarem sua postura, condutas e suas atividades para os alunos disfluente.

Palavras-chave: Fonoaudiologia educacional; Gagueira; Professores.

Abstract

The exposure of the stutterer student to embarrassing situations, even without the intention, or lack of knowledge, it may create a number of frustrations, shame feeling and rejection, which can influence on learning process. The aim of this article is to check if the teachers of municipal education system are aware of seriousness of having specific care with stutterer

¹ Faculdade Redentor, Fonoaudiologia, Itaperuna-RJ, jppoey@gmail.com

² Faculdade Redentor, Fonoaudiologia, Itaperuna-RJ, coordfono@redentor.edu.br

students at the school environment. So, highlighting the necessity of the performance of a speech therapist in the school team, with a specific look at the stutterer student. The study is based on bibliographical research and field research, with data collected by means of a questionnaire, on which the teachers of Itaperuna - RJ municipal education system, of both sexes and different ages, answer a set of structured questions about the vision of the teacher face to the stutterer students. The content stated by means of research accomplishes that teachers are not aware about the importance of the speech therapist with the school staff. And they do not recognize the importance of changing their posture, behaviors and their activities to disfluent students.

Keywords: Speech therapist in the school; stuttering; teachers

INTRODUÇÃO

A gagueira vem sendo estudada e discutida ao longo dos anos e entre diversos autores que pesquisam o problema. Gagueira é uma alteração no ato da fala, ela se apresenta como falhas no fluxo e no ritmo do discurso de seu portador. Tais alteração não interferem apenas na comunicação, mas podem comprometer todas as situações de trocas sociais, gerar sentimento de vergonha, frustrações e, se não conduzida da forma correta, influenciar negativamente no comportamento, desempenho de atividades profissionais e conseqüentemente na qualidade de vida de um indivíduo que gagueja (JAKUBOVICZ, 2009).

Normalmente os sentimentos que acompanham os portadores da gagueira se apresentam como: a gagueira é vergonhosa, falar é algo desagradável e difícil, medo de certas situações sociais. Isso porque muitas vezes os gogos são expostos a situações de brincadeiras, viram motivo de chacota, podendo vir de pessoas mais próximas e até mesmo de familiares. Esses momentos de desconforto são de grande impacto para a autoestima, pois abalam a sua confiança (ANDRADE *et al.* 2008).

A instalação do quadro crônico de gagueira nas crianças é uma fase muito delicada e que requer cuidados, pois a partir disso a criança já passa a se enxergar como mau falante, tem consciência que gagueja e assim fica à mercê de todos os impactos do quadro em sua vida. Todos esses sentimentos levam a uma maior acentuação dos sintomas, gerando mais receio e insegurança na hora de falar, o que coloca a criança em um “ciclo vicioso” (CARVALHO, 2014).

Durante a vida, podemos destacar a escola como sendo um dos ambientes que mais influencia o processo de desenvolvimento da linguagem, a criação de novos conceitos e até mesmo o caráter. Sendo assim, esse espaço deve ser elaborado não só baseado em condutas que favoreçam o aprendizado, mas também criando um meio saudável que respeite a individualidade de cada criança, respeitando seus problemas e limitações (CELESTE *et al.* 2013).

O grande número de ocorrência da gagueira na infância nos permite refletir sobre a sua relação com a escola, uma vez que a criança está inserida nesse meio desde o aparecimento dos primeiros sinais de disfluência até que a gagueira se torne crônica (CELESTE *et al.* 2013).

O professor se destaca como o principal e o primeiro vínculo da criança como a escola, tendo grande relevância na vida do aluno. Estudos sobre o assunto mostram como a gagueira e seus impactos sociais podem vir a prejudicar o processo de aprendizagem e o desempenho escolar. O que nos leva a questionar se os professores estão preparados para lidar com as particularidades trazidas pelos alunos gogos, e se eles têm consciência de que determinadas condutas podem prejudicar ou favorecer o desempenho escolar desse aluno (CARNILO *et al.* 2011; CELESTE *et al.* 2013).

Estudos sobre o tema, apontam que embora boa parte dos profissionais já tenham tido experiências com um aluno gogo dentro da sala de aula, nem todos possuem a habilidade de identificar o quadro, até mesmo não sabem lidar com ele ou, se baseiam no senso comum mais do que em conhecimento com o embasamento científico necessário sobre a área, deixando o conhecimento não científico influenciar na hora de definir e estabelecer uma conduta na sala de aula. Este fato pode ser encarado como um problema, visto que a identificação precoce do distúrbio se faz importante, uma vez que possibilita uma antecipada intervenção terapêutica e o planejamento de novas maneiras e melhores abordagens com o aluno perante todo o ambiente escolar (CARNILO *et al.* 2011).

O ambiente que o aluno gogo é exposto e a abordagem do professor quanto as suas particularidades, podem interferir de forma negativa ou positiva no processo de aprendizagem. Assim, professores bem informados sobre o desenvolvimento da linguagem, fala e gagueira, tendem a contribuir positivamente para melhores experiências na escola. Isso porque, profissionais bem capacitados serão capazes de identificar com facilidade casos de distúrbios da fluência e ajudar no encaminhamento, a criarem estratégias que explorem mais as capacidades e as particularidades dos alunos sem os expor. Uma mudança de postura e a busca por estratégias de aprendizado, impossibilitam o agravamento do quadro e seus impactos no rendimento escolar (CARNILO *et al.* 2011).

Sendo o fonoaudiólogo o profissional responsável pelo o tratamento da gagueira e com conhecimento científico específico sobre o quadro, destaca-se a necessidade da presença do mesmo junto à equipe escolar, trabalhando como um parceiro do professor em uma relação de troca de conhecimento. Ao longo dos anos o trabalho do fonoaudiólogo nas escolas vem ganhando mais espaço, porem faz-se necessário uma conscientização da real importância do mesmo diante o aparecimento da gagueira, na criação de um ambiente favorável para o aluno gogo (MARÃO *et al.* 2008).

Segundo a resolução 309 de 01 de abril de 2005 do Conselho Federal de Fonoaudiologia, tem-se que: o objeto do trabalho fonoaudiológico em escolas deve estar

voltado à promoção, aprimoramento e prevenção de alterações relacionadas à audição, linguagem (oral e escrita), motricidade oral e voz, visando favorecer e otimizar o processo de ensino e aprendizagem, fortalecendo as relações entre o fonoaudiólogo e a escola.

Um ambiente escolar mais acolhedor e preparado para lidar com o aluno gago, não impede que a gagueira apareça, mas pode diminuir a manifestação da mesma e o seu impacto na vida da criança. Todas as dificuldades escolares e problemas de socialização podem ser amenizados através de ações pedagógicas bem elaboradas e orientadas por um profissional capacitado e com conhecimento específico sobre a gagueira (CELESTE *et al.* 2013).

Uma escola inclusiva, é uma escola bem informada e atualizada, é um ambiente que oferece conforto e segurança para crianças portadoras de gagueira. Contexto no qual a fonoaudiologia se mostra como uma das mais importantes parcerias profissionais para esse processo de inclusão. O conhecimento científico passado pelo fonoaudiólogo para as equipes escolares se mostra indispensável na criação de um espaço educacional sem exclusões, pois apenas o conhecimento e ações do professor na sala de aula pode não ser suficiente e precisar de orientações para uma reformulação nas ações e nos olhares de cada área escolar, onde a troca de informações entre os demais profissionais se mostra indispensável (CARNIO *et al.* 2012).

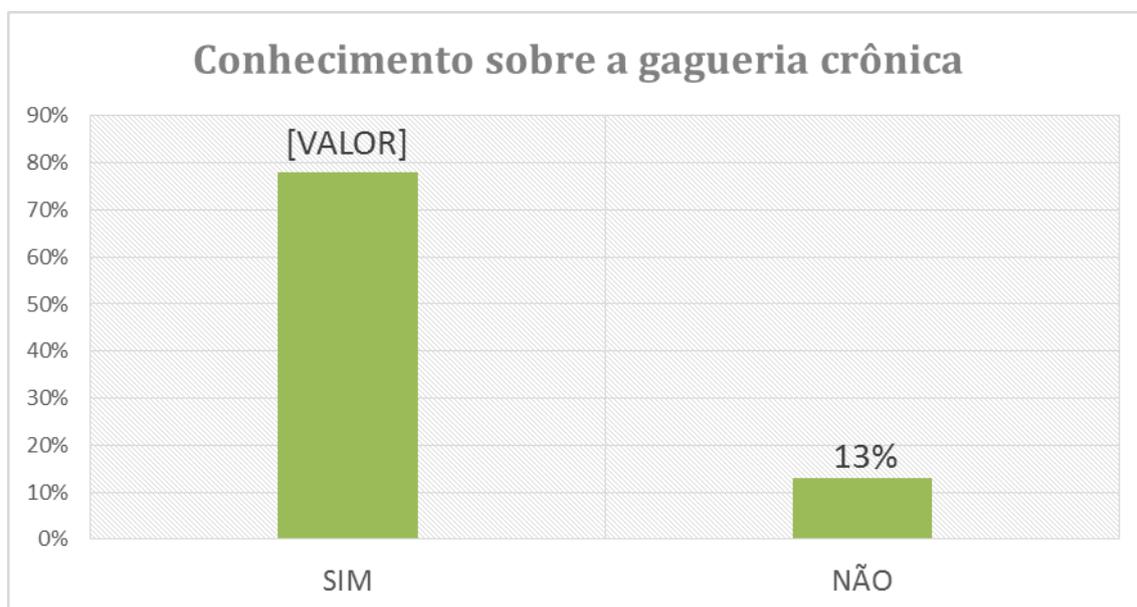
Esta pesquisa salienta a necessidade de um olhar específico sobre o aluno gago, seu rendimento no processo de aprendizagem e suas relações interpessoais. Sua importância se dá devido a existência de poucos trabalhos sobre o conhecimento dos professores a respeito da gagueira. Além disso aborda a necessidade do profissional fonoaudiólogo estar junto à escola para a elaboração de estratégias especiais para alunos gagos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa tem como base a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo, tendo esta aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Redentor sob o número CAAE: 55364716.5.0000.5648. Os dados da pesquisa foram coletados através de um questionário entregue no próprio ambiente escolar, onde os professores da rede municipal de ensino de Itaperuna-RJ, de ambos os sexos e idades distintas, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sobre a pesquisa, responderam 10 perguntas estruturadas sendo: 10 objetivas e 1 discursiva, sobre a visão e conhecimento do professor quanto a gagueira e os alunos gagos. As respostas dos questionários foram avaliadas e analisadas e os resultados serão apresentados graficamente. As conclusões sobre a pesquisa estão sintetizadas e apresentadas nas considerações finais deste artigo.

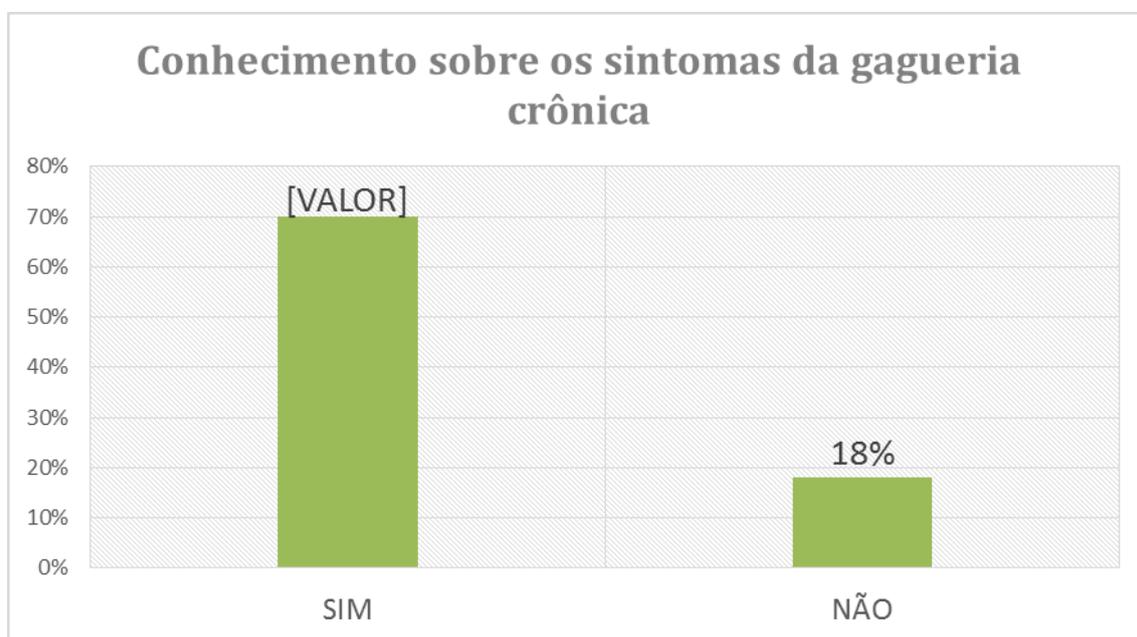
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gráfico 01 - Você sabe o que é gagueira crônica?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 02 - Você conhece os sintomas da gagueira crônica?

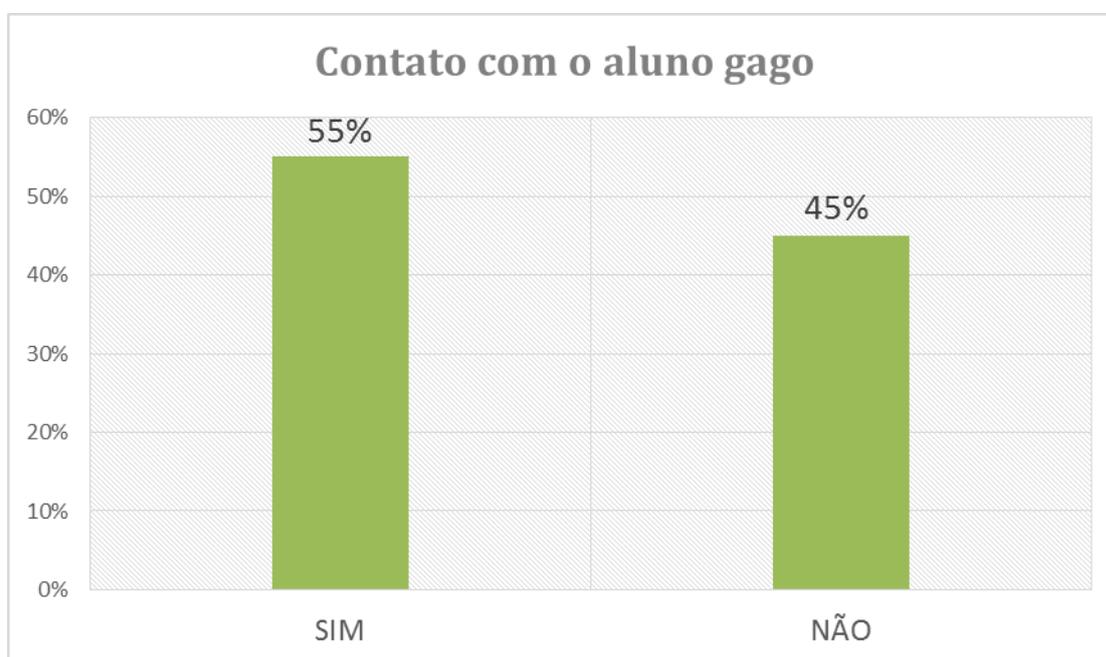


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Com os dados coletados na pesquisa podemos observar que, quando os professores foram questionados sobre o que é a gagueira e seus sintomas, 78% julgaram saber o que é a gagueira crônica e 70% disseram conhecer os sintomas, porém quando questionados de

forma mais aprofundada sobre o assunto e nas conversas ao decorrer das entrevistas, as respostas mostraram um padrão já dito por Ferrioli *et al.* (2005), destacando que o conhecimento dos professores sobre o assunto não possui base científica. Na maioria das vezes o conhecimento trazido por eles é por já terem ouvido falar, conviverem com alguém com o mesmo tipo de problema e se basearem no senso comum. Villani *et al.* (2001) afirma que a falta de conhecimento é o maior agravante da gagueira. Se analisarmos os fatores presentes no meio que a criança está inserida e como eles influenciam diretamente no quadro de gagueira, podemos observar como é importante que esses profissionais estejam devidamente informados na hora de estabelecerem as suas condutas, já que as mesmas moldam também a forma com que a criança passa a encarar a sua vida escolar.

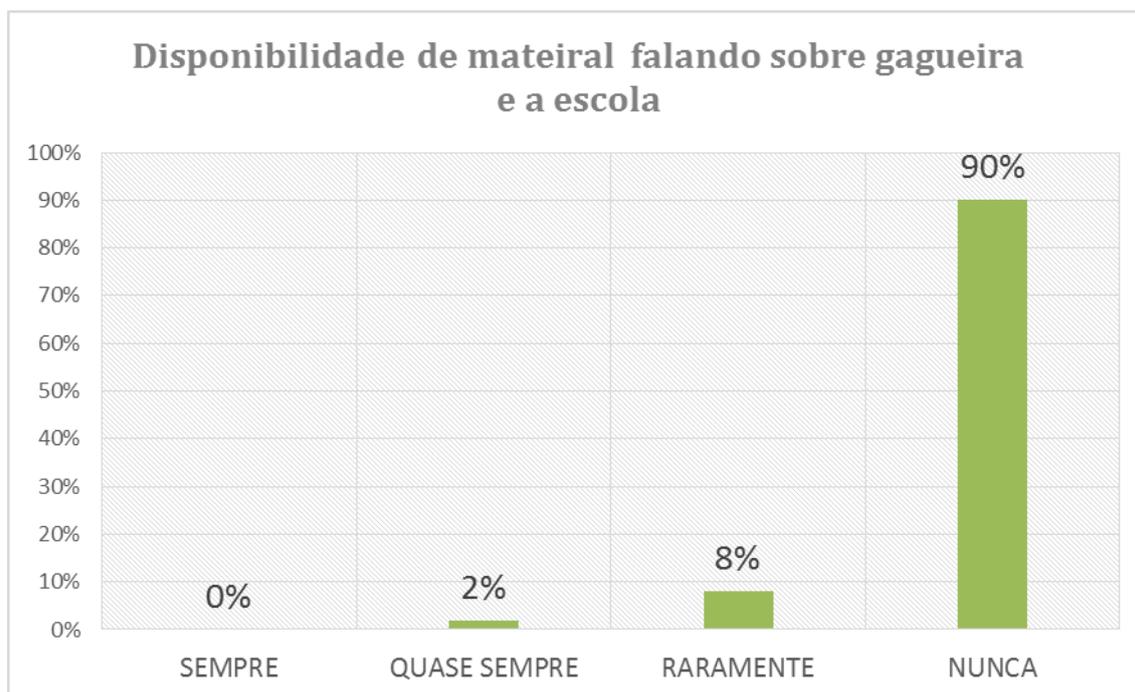
Gráfico 03 - Você já teve contato com um aluno portador da gagueira crônica?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Segundo o Instituto Brasileiro de Fluência, a incidência da gagueira é de 5%, ou seja, cerca de 2 milhões de brasileiros gaguejam de forma crônica. Esse dado mostra como a gagueira está presente na nossa realidade, inclusive no ambiente escolar. O que justifica 55% dos professores entrevistados afirmarem que já tiveram contato com um aluno portador de gagueira crônica.

Gráfico 04 - Você já recebeu algum tipo de material que tenha sido disponibilizado pelo governo falando sobre a gagueira na escola?

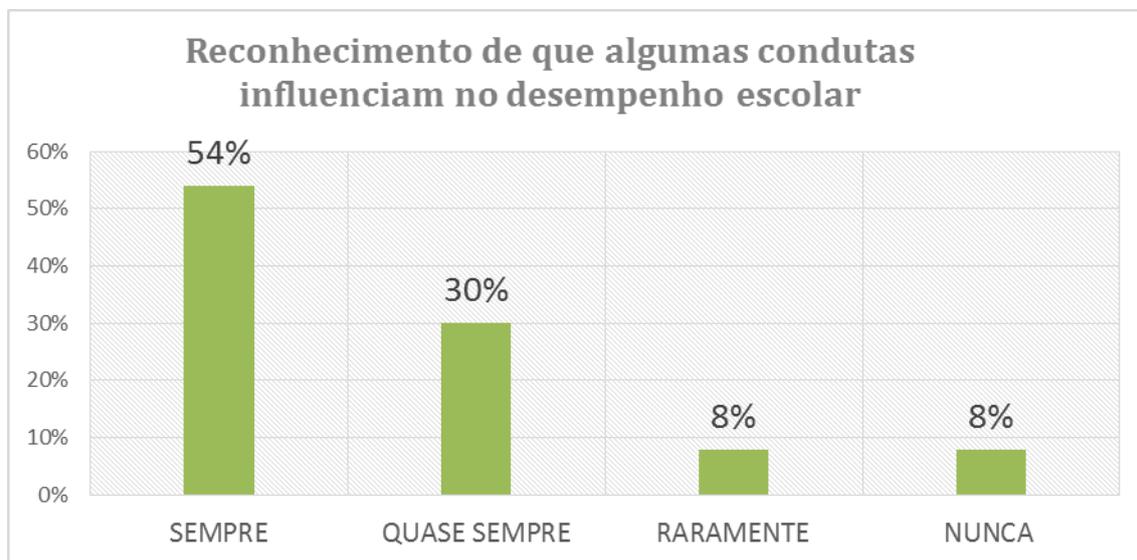


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A falta de conhecimento sobre a gagueira, destacado anteriormente, pode ser justificada através de outro dado da pesquisa onde 90% dos professores entrevistados afirmaram “nunca” terem recebido nenhum tipo de material informativo que tenha sido disponibilizado pelo governo. Celeste *et al.* (2013), aponta em sua pesquisa que mesmo não recebendo nada do governo, algumas escolas já ofereceram algum tipo de evento com caráter educacional sendo que a grande maioria afirmou que nunca souberam ou participaram de algum tipo de atividade sobre o assunto.

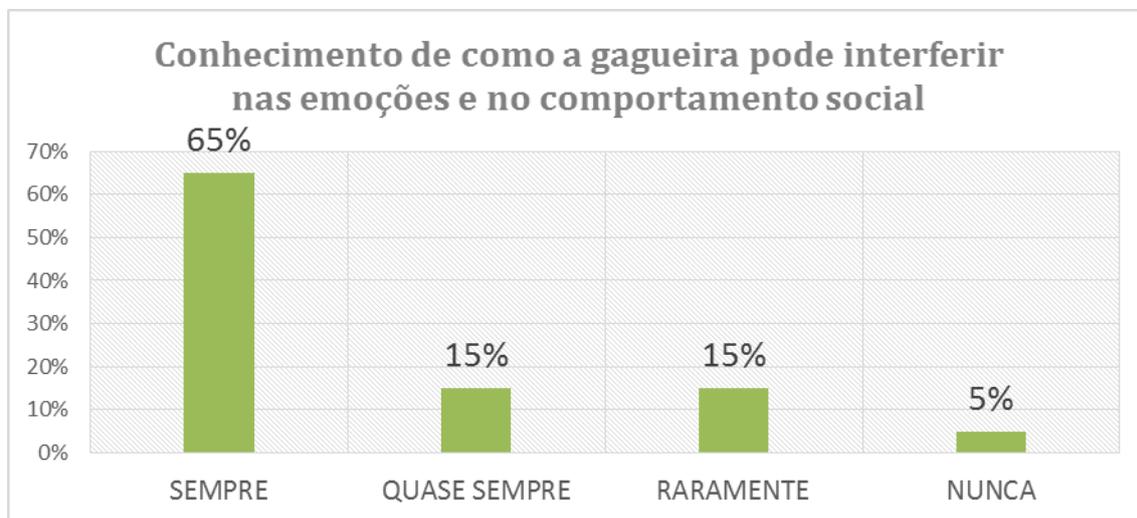
Embora não tenha sido encontrado na literatura utilizada, respostas específicas sobre o apoio governamental, sites do governo disponibilizam cartilhas de conteúdo educativo sobre a gagueira, todavia observamos que apenas a existência desse material não tem sido o suficiente para a capacitação dos professores para lidarem com o problema. Os estudos como os de Brites *et al.* (2008) e Carvalho *et al.* (2004) nos mostram que ainda existem barreiras e defasagens nos programas de educação e promoção de saúde, que devem ser enfrentadas para a elaboração de uma estratégia mais eficaz de educação em saúde na escola.

Gráfico 05 - Você reconhece que algumas condutas podem influenciar no desempenho desse aluno na sala de aula?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 06 - Você tem conhecimento de como a gagueira crônica pode interferir nas emoções e no comportamento social do seu portador?



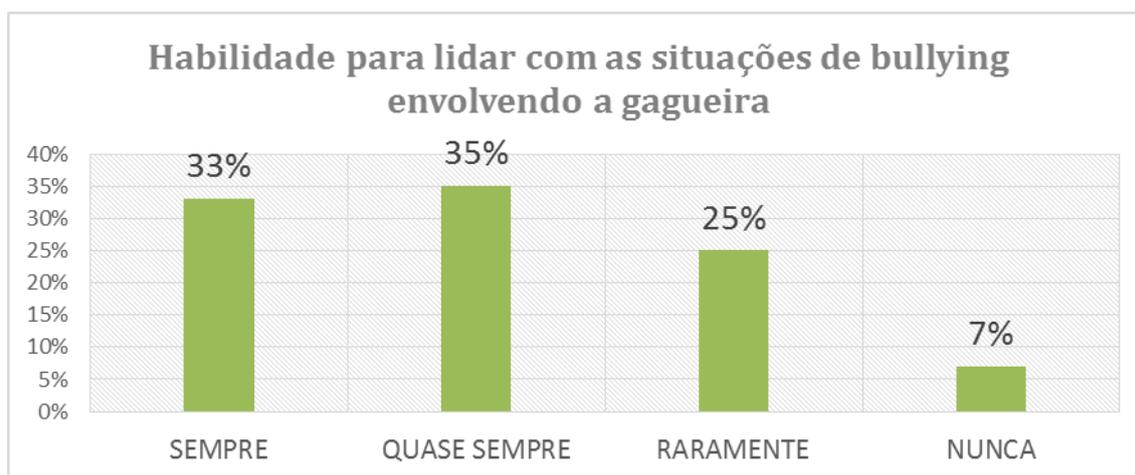
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Questionados se os professores reconhecem que algumas condutas podem influenciar no desempenho escolar do aluno gago 54% dos professores disseram que sempre. Na questão sobre o conhecimento de como a gagueira crônica pode interferir nas emoções e no comportamento social de seu portador observamos que 65% responderam sempre. Os professores da pesquisa se referiam a sentimentos como: vergonha, nervosismo, tristeza e

“ansiedade para falar”, segundo eles, esses sentimentos levam o aluno a gaguejar mais e se isolar dos colegas de sala. Ferriolli *et al.* (2005), em seu estudo, constatou que 100% dos seus professores entrevistados mencionam que esses sentimentos são as causas da gagueira. Jakubovicz (1992) e Andrade (2006) afirmam em seus trabalhos que a etiologia mais aceita referente à gagueira crônica é o fator genético.

Para melhor auxiliar os professores perante o aparecimento dos quadros de gagueira podemos destacar o fonoaudiólogo com um dos profissionais mais capacitados. A pergunta de número sete do questionário, era relacionada ao reconhecimento da importância de um fonoaudiólogo junto à equipe escolar para auxiliar na elaboração de estratégias que visem melhorar o desempenho do aluno gago e todos os professores, 60 entrevistados, responderam que sempre é importante, e julgam que a presença do profissional no ambiente da escola seria o ideal apesar de muitos, ainda, não terem tido o contato com o mesmo. Em sua pesquisa Maranhão *et al.* (2008) constatou que apenas metade dos professores que entrevistou julgavam importante a parceria entre o fonoaudiólogo e a equipe escolar, na hora de estabelecer ações de promoção e prevenção de saúde. Esse comparativo nos mostra que no ano de 2008 e como confirmava Morais (2001), a fonoaudiologia no âmbito escolar era muito recente, e que, com o passar dos anos, a fonoaudiologia vem se tornando mais reconhecida pelos docentes e sua presença nesse ambiente vem sendo cada vez mais necessária.

Gráfico 07 - Você saberia como agir em uma situação de *bullying* envolvendo a gagueira crônica?

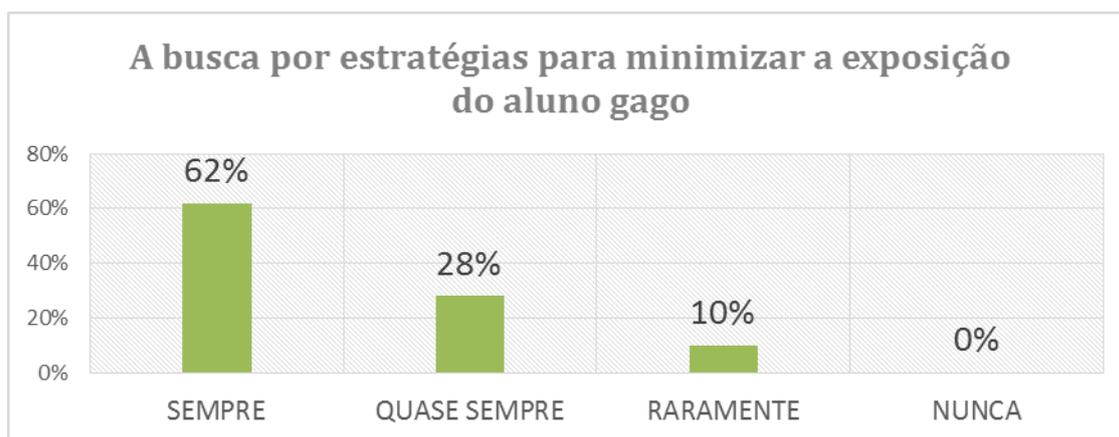


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Outro fator que, relacionado à gagueira, pode gerar sentimentos de vergonha, nervosismo, tristeza e “ansiedade para falar”, e conseqüentemente a piora do quadro e que está presente no ambiente escolar é o *bullying*. A partir disso, perguntou-se aos professores se eles saberiam lidar com esse problema. Nessa questão o percentual entre as respostas

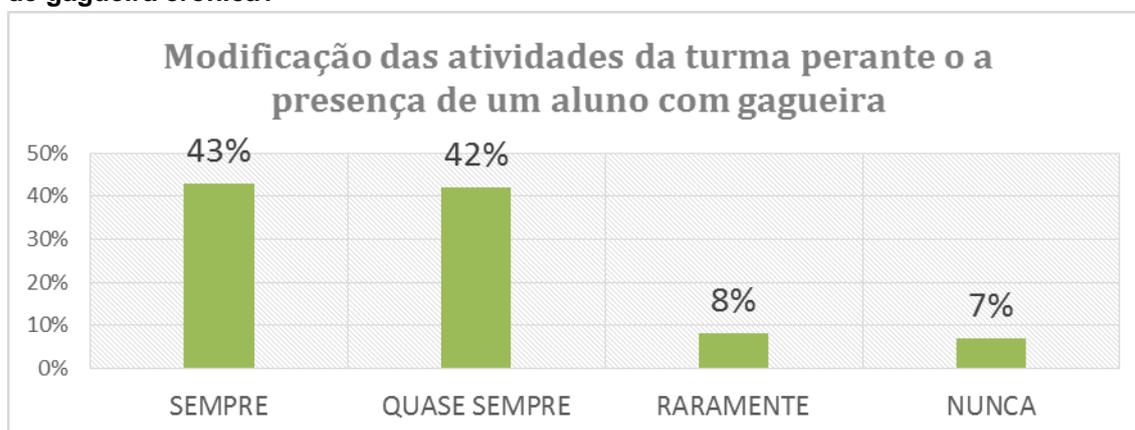
foi mais dividido. Os professores ainda destacaram que o *bullying* é sempre uma situação muito delicada para administrar. E que apesar de ser difícil, eles tentam agir e contornar a situação da melhor forma possível. Dado que corrobora com Maranhão *et al.* (2008) onde ele afirma que mesmo com a carência de informações, os professores tentam auxiliar nos problemas trazidos pelos alunos.

Gráfico 08 - Você usa ou busca estratégias para minimizar a exposição de um aluno gago na sala de aula?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 09 - Você faria alguma modificação nas atividades da turma caso tivesse um portador de gagueira crônica?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 10 - Com que atitudes você acredita que poderia minimizar a exposição do aluno no ambiente da sala de aula? (questão discursiva)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

As três últimas perguntas do questionário abordavam atitudes na sala de aula para ajudar os alunos portadores da gagueira crônica. Na questão que perguntava se os professores usam ou buscam estratégias para minimizar a exposição de um aluno gago na sala de aula, 62% dos professores responderam sempre, 28% quase sempre, 10% raramente e nenhum dos profissionais responderam nunca. Quando questionados se fariam alguma modificação nas atividades da turma perante um caso de gagueira crônica, 43% confiaram que sempre, 42% quase sempre, 8% raramente e 7% nunca. A última questão era discursiva e perguntava com que atitudes os professores acreditavam que poderia minimizar a exposição do aluno no ambiente da sala de aula. Sendo que 10% dos profissionais, não conseguiram responder. Entre as respostas encontradas, podemos destacar; “Chamar a atenção do aluno na hora que ele gaguejar, para que assim ele tenha mais atenção na hora de falar”; “Eu buscaria uma melhor forma para ajudar”; “Tratando o assunto de forma mais natural possível, afinal todos temos alguma deficiência, visível ou não”; alguns profissionais responderam que buscariam a ajuda de um fonoaudiólogo, o encaminhamento para o orientador pedagógico e reuniões com a família.

As respostas apresentadas seguiam o padrão já encontrado na literatura. Chiquetto (1992), observou em seu trabalho que na tentativa de ajudar, os professores assumem posturas que ora são corretas e ora incorretas, isso se deve à carência de conhecimento científico e salienta a ideia de que os professores são influenciados pelo senso comum na hora de estabelecerem condutas. Luz & Capilotto (1996), destacaram que existe uma preocupação e uma vontade dos professores, assim que descobrem o problema, em ajudar e a maioria de suas amostras disseram que suas principais atitudes são buscar a família e realizar os encaminhamentos devidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse estudo pode-se observar que os professores estão mais conscientizados e interessados em ajudar o aluno perante o aparecimento do quadro de gagueira. Com tudo, esses profissionais ainda carecem de conhecimento científico sobre o tema, nem sempre reconhecem a importância de alterarem sua postura, condutas e suas atividades para os alunos disfluente. Muitas vezes se baseiam no conhecimento popular sobre o problema e no senso comum na hora de estabelecer alguma conduta perante o surgimento da gagueira na sala de aula e por isso, acabam tomando atitudes inadequadas, podendo causar a piora do quadro de gagueira e o desinteresse do aluno pelo ambiente escolar, prejudicando assim seu rendimento.

A respeito dos professores reconhecerem a importância de um fonoaudiólogo junto à equipe escolar para melhor auxiliá-los com casos de gagueira, verificamos que todos os entrevistados, apesar de muitos desses profissionais nunca terem tido contado com o fonoaudiólogo em atividades e reuniões da equipe escolar, jugaram a presença desse profissional indispensável, e que quando comparados com os dados anteriores houve um grande avanço nesse quesito. Devido ao crescimento e reconhecimento natural da profissão ao longo dos anos e a carência de informação específicas.

Dessa forma, podemos destacar a necessidade de uma melhor estratégia de conscientização, até mesmo por parte do governo, através de atividades de promoção e prevenção em saúde, além da necessidade de inserção de profissionais fonoaudiólogos junto à equipe escolar para melhor auxiliar os professores a lidarem com o aparecimento da gagueira no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.R.F. Gagueiras infantis - Diagnóstico e Intervenção precoces. São Paulo, Editora Pró-Fono, 2006.

ANDRADE, C.R.F.; SASSI, F.C.; JUSTE, F.S. & ERCOLIN, B.; Qualidade de Vida em Indivíduos com Gagueira Desenvolvimental Persistente. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* [online]. 2008 vol.20, n.4, pp. 219-224. ISSN 0104-5687. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-56872008000400003> Acesso em: 26-08-2014.

BRITES L.S.; SOUZA A.P.R. & LESSA A.H.; Fonoaudiólogo e agente comunitário de saúde: uma experiência educativa. *Rev. Sociedade Brasileira Fonoaudiologia.* 13(3):258-66, 2008.

CARLINO, F. C.; DENARI, F. E & COSTA, M. P. R.; Programa de Orientação Fonoaudiológica Para Professores da Educação Infantil. *Distúrb. Comun.* São Paulo, 23(1):

15-23, abril, 2011.

CÁRNIO, M. S.; BERBERIAN, A. P.; TRENCH, M. C. B & GIROTO, C. R. M.; Escola Em Tempo de Inclusão: Ensino Comum, Educação Especial e Ação do Fonoaudiólogo. *Distúrb. Comun. São Paulo*, 24(2): 249-256, setembro, 2012.

CARVALHO A.L.; BODSTEIN R.C.; HARTZ Z. & MATIDA A.H.; Concepções e abordagens na avaliação em promoção da saúde. *Rev. Saúde Coletiva*. 9(3):521-9, 2004.

CARVALHO, S.; Automonitoramento da Fala de Adultos Que Gaguejam. *Distúrb. Comun. São Paulo*, 26(4): 686-693, dezembro, 2014.

CELESTE, L. C.; RUSSO, L. C. & FONSECA, L. M. DE S.; Influência da Mídia Sobre o Olhar Pedagógico da Gagueira: Reflexões Iniciais. *Rev CEFAC*. 15(5): 1202-1213, set-out, 2013.

CHIQUETTO, M.M.; Reflexões sobre gagueira: concepções de atitudes dos professores. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC,1992.

DAMASCENO, W. A. de L. & FRIEDMAN, S.; Quando a Posição Fluente Se Perde: Desarmonia Entre Fala e Língua. *Distúrb. Comun. São Paulo*, 24(3): 309-321, dezembro, 2012.

FERRIOLLI B.H.V.M; LEITÃO P.M. & PERREIRA F.L.F.; O Conhecimento e as atitudes dos professores frente a gagueira. *JBF Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia* 5(22):321-30, 2005.

Instituído Brasileiro de Fluência. *Epidemiologia da Gagueira*. [online] 2007-2009. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=31 Acesso em: 09-12-2015

JAKUBOVICZ, R.; **A Gagueira: teoria e tratamento de adultos de crianças. Rio de Janeiro: Revinter; 1992.**

JAKUBOVICZ, R.; **Gagueira**. 6ª e.d. Rio de Janeiro: Revinter, 2009. 202p.

LIMONGI, F. P.; Gagueira Infantil. *Associação Brasileira de gagueira*. [online].2007 Disponível em: http://www.abragagueira.org.br/gagueirainfantil_forum.asp?id=6 Acesso em: 26-03-2016

LUZ S.E.M. & CAMPIOTTO A.R.; Avaliação sobre as informações que o educador pré-escolar possui frente aos aspectos fonoaudiológicos. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 8(1):25-8, 1996.

MARAHÃO, P. C. S.; PINTO S.M.P.C. & PEDRUZZI, C. M.; Fonoaudiologia e Educação Infantil: Uma Parceria Necessária. *Rev CEFAC*. São Paulo, agosto, 2008.

MORAIS K.W. Repensar sobre o papel do fonoaudiólogo no âmbito escolar [online]. 2001. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.com/trabalhos/artigos/artigo-035/index.htm> Acesso em: 16-08-2016

SILVA L.K.; MARTINS-REIS V.O.; MACIEL T.M.; RIBEIRO J.K.B.C.; SOUZA M.A. & CHAVES F.G.; Gagueira na escola: efeito de um programa de formação docente em gagueira. Trabalho realizado no Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - Belo Horizonte (MG), Brasil. 2015.

STUTTERING FOUNDATION OF AMERICA. Para Professores. *Associação Brasileira de gagueira*. [online]. 2007 Disponível em: http://www.abragagueira.org.br/paraprofessores_2.asp Acesso em: 06-09-2014

VILLANI V.G.; CURRIEL D.T. & OLIVEIRA C.M.C.; O que pensam os professores em formação inicial sobre “gagueira”. Nuances. Presidente Prudente; 7:53-61, 2001.